

OAC- OBJETO DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA

Professora: Gisele Lutk S. Jarek

Colégio E. Prof. Francisco Manoel de Lima Camargo

Disciplina: História

Conteúdo Estruturante: Relações Culturais

Tema de Estudo: Cidade: Culturas, memórias e identidades – uma proposta em educação patrimonial

Orientador: Prof. Dr. Mario Amorim - UTFPR

1. RECURSO DE EXPRESSÃO

....A destruição do passadoé um dos fenômenos mais lúgubres do final do séc. XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem relação com o passado da época em que vivem. Por isso, os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes ...

Eric Hobsbawn

CIDADE: CULTURAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES – UMA PROPOSTA EM EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Partindo da premissa de que a educação deve atuar na perspectiva da construção do conhecimento refletindo sobre a realidade vivida do aluno, respeitando sua história de vida e contribuindo para que ele entenda o seu papel de cidadão, convido-os a repensar a prática do ensino de História em sua trajetória enquanto disciplina escolar, passando por diversas tendências e concepções, principalmente, após a década de 80, que foi caracterizada por crescentes tentativas de aproximá-la do cotidiano e dos acontecimentos comuns, principalmente através da corrente da Nova História Cultural. No entanto, o ensino de História em sala de aula, na prática, ainda permanece carregado por uma

História Tradicional que, ao evidenciar os grandes acontecimentos políticos e econômicos e os chamados “grandes homens” continua provocando desinteresse por parte dos alunos, sendo geralmente apresentados uma série de fatos históricos para serem memorizados sem saber seu sentido e sem nenhuma relação com a história vivida por eles.

Esta realidade, aliada ao contexto das mudanças globais, massifica e alija o jovem de sua cultura e de suas raízes: somos marcados por um mundo em constante transformação e esta realidade faz com que as pessoas percam seus referenciais históricos e o sentimento de pertença e identidade local, regional e nacional.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná, na disciplina de História, propõe um ensino pautado principalmente pelas correntes historiográficas da História Cultural, Nova História Cultural e pela nova Esquerda Inglesa. Nestas correntes, evidencia-se a importância de se valorizar ações e relações humanas permitindo que a cultura - enquanto modo de vida de um povo - torne-se objeto de estudo da história. Da mesma forma, entendemos que a ação educativa no campo da História não se restringe apenas à de aula. Está sendo reconhecida em múltiplos espaços sociais como museus, praças, lugares de memórias, enfim, o espaço em que se vive.

Dentro dessa constatação, estamos propondo uma reflexão sobre a Cidade - não só enquanto conteúdo proposto ao Ensino Médio – mas também como um documento a ser explorado pelo professor(a) de História, ou seja, como um espaço de múltiplas memórias, culturas, identidades e conflitos. No espaço da cidade, diversas práticas culturais são percebidas e se tornam mais concretas nas ruas, bairros, praças e lugares de memória. Em cada um desses lugares um sistema de valores se manifesta. Portanto, a trajetória da cidade pode ser lida nas diferentes marcas que os homens selecionaram, conscientemente ou não, para transmitir algo a outras gerações.

A investigação de diferentes espaços de uma cidade, com suas particularidades e contradições e, principalmente, com pessoas concretas vivendo nela, poderá contribuir para a construção e solidificação da consciência histórica, na medida em que passamos a conhecer a forma como os diferentes grupos viveram e organizaram-se no espaço. Esta reconstrução histórica permite aflorar o

sentimento de pertença e de cidadania, na medida em que os alunos poderão refletir, selecionar, escolher marcas significativas, enfim, identificar bens culturais que se quer coletivamente, preservar, se apropriar e usufruir.

Ao compreenderem sua identidade cultural e reconhecerem-se nela, conscientemente, os alunos estarão apropriando-se de sua experiência histórica e, segundo Schimidt (2005), esse procedimento comporta a transposição ao ensino de História de alguns elementos que fazem parte da própria construção do conhecimento histórico, ou seja, a explicação e a construção de conhecimentos históricos, o trabalho com as temporalidades históricas e o uso do documento histórico como também o uso de novas tecnologias da informação e de seus produtos.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

KUENZER, Acácia.(org.). Ensino Médio. Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. Educação Patrimonial. Orientações para professores do ensino fundamental e médio. Caxias do Sul : Maneco Editora, 2004.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004.

2. RECURSOS DE INVESTIGAÇÃO

2.1 Investigação disciplinar

COTIDIANO E CIDADE

Segundo Pesavento (1995), a cidade é, como se sabe, uma realização muito antiga. Da Ur dos ziguraths à Tebas das Sete portas, da Roma dos Césares à Avignon dos Papas, ela marca sua presença na história, através daqueles elementos que assinalam o advento do que se considera civilização. Mas é, sobretudo, com o advento do capitalismo que se impõe a “questão urbana”,

processos econômicos e sociais muito claros vão se delineando, transformando a existência: concentrações populacionais, migrações, superpovoamento e transformação do espaço vão moldando as cidades. Porém, estes estudos estão bastante presentes na historiografia estrangeira e nacional: nosso olhar irá mais além, através do viés da história cultural . Nesta corrente historiográfica, o conceito de representação é fundamental para pensar o social. Representação, segundo Pesavento (1995), é a presentificação de um ausente, que é dado a ver segundo uma imagem mental ou material, que trabalha com uma atribuição de sentido. Para Schimidt *apud* GuYon; Mousseau; Tutiaux-Guillon (1993 p.144-8), a representação é uma forma de conhecimento do senso comum, situada na interface do psicológico e do social, do individual e do coletivo, é uma construção, ao mesmo tempo produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade. As representações pressupõem comunicação, decisão, ação. Permitem ao indivíduo inserir-se num grupo social e legitimar seus comportamentos. A representação é uma visão de mundo, uma maneira de pensar. No entanto, elas são prisioneiras de seu contexto de origem, e são largamente dependentes da situação que as faz emergir. Não existem no absoluto; as representações permitem ao indivíduo efetivar suas próprias idéias, questionar , validar ou refutar determinadas visões de mundo.

Segundo Oliveira (2002), a vida urbana passa por enormes transformações nos modos de organização do espaço urbano. Essas tendências espaciais, como as temporais, compõem um complexo jogo de construção de identidades, que vem passando por transformações em todo o mundo. Hobsbawm (*apud* Oriá, 2005) faz um alerta acerca da ameaça da destruição do passado e da perda dos referenciais históricos por parte da população sobretudo dos jovens.

Nas cidades brasileiras a modernidade tem levado a uma violenta destruição das marcas do passado. Concordamos com Magaldi (1992,p.21), quando afirma que, se no antigo reside uma parcela importante da memória social e da identidade cultural dos habitantes da cidade,"[...] desconsiderar a questão do patrimônio histórico e ambiental urbano é exilar o cidadão, alija-lo de seu próprio meio - fazer da cidade um ambiente hostil e estranho à maioria da população". O tempo atual, marcado pelas mudanças , transformações e destruições, contrasta com outros tempos: o das permanências, da continuidade e da memória. Portanto,

são as memórias que compõem anamorficamente a realidade da cidade, e a opinião se torna elemento necessário dessa operação de mixagem, pela qual chegam até nós essas condensações de tempo, esses deslocamentos de nomes, provocando modificações sensíveis em nossa percepção de cidade.

Enquanto que, nos estudos técnicos e oficiais a cidade se apresenta como única, na realidade, a cidade é múltipla: suporte de memórias diversas, em que esquecimentos e lacunas são redes simbólicas diferenciadas.

Dessa forma, o espaço enquanto ruas, praças, bairros, rios e lagos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. A cidade se revela em suas esquinas, ruas, em aglomerados ou vazios urbanos, nas pessoas, nas festas ou manifestações religiosas, nos bairros e comunidades, expondo sutilmente sua história. A paisagem urbana vai se revelando como um documento a ser lido, decifrado pelo historiador, que se depara com uma multiplicidade de histórias. Podemos ir mais além: a cidade ou o campo, representada pelas manifestações do patrimônio cultural, pode ser um documento vivo explorado pelo professor e contribuir para a construção de uma nova cidadania e de uma identidade cultural plural, ou seja, a partir da experiência e do contato direto com a história e as manifestações de cultura percebidas em seu espaço, com todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, pode-se levar crianças e jovens a um processo ativo de construção de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para a reflexão e seleção destes bens que realmente os identificam e conseqüentemente preparando-os para um melhor usufruto destes bens.

A temática da memória e suas relações com o patrimônio cultural é recente na historiografia brasileira e talvez por isso mesmo seja praticamente ausente do processo ensino-aprendizagem. Porém, com a abertura de novas perspectivas nesse âmbito, as discussões em se trabalhar com Educação Patrimonial e bens do Patrimônio Cultural no ensino se ampliaram. As próprias Diretrizes Curriculares apontam para esta questão, onde embora haja críticas aos PCNs, reconhecem-se aspectos positivos da antiga proposta, entre eles, a questão do patrimônio histórico, o incentivo à pesquisa e à diversificação de metodologias de ensino.

Este material apresenta um caminho, uma proposta metodológica, utilizando-se da Cidade e de suas manifestações (culturais, históricas, ambientais, geográficas) como possibilidade de estudo. Por isso, a escolha do estudo de caso certamente deve se relacionar à realidade concreta do lugar onde o aluno vive, dentro de um recorte temporal e geográfico específico. Utilizando-se da Educação Patrimonial como metodologia, pode-se aplicá-la a qualquer evidência material ou imaterial de cultura, seja ela um objeto, monumento, centro urbano ou comunidade rural, processos de trabalho ou qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente. Tal metodologia tem por objetivo, proporcionar ao aluno, uma experiência concreta em relação ao passado, tornando-o mais autônomo para suas próprias interpretações, pois, o objeto, enquanto documento histórico, não fala por si mesmo; isto dependerá de nossa capacidade de formular perguntas e de explorá-lo corretamente.

A título de exemplo deste trabalho, utilizaremos o estudo da Praça Central de Tijucas do Sul , tendo como recorte geo-temporal :

Da Vila de Tijucas a Tijucas do Sul

Não se pode precisar exatamente o ano em que começou o povoamento efetivo do litoral e primeiro planalto paranaense, mas sem dúvida, este teve sua origem por volta do século XVII, com a exploração do ouro. Buscando novos locais de exploração, aos poucos, novas paisagens foram se formando, conhecidas por nomes peculiares tais como o Campo dos Ambrósios e os de São José, separado dos Campos de Curitiba.

O nome Ambrósios originou-se de uma planta encontrada nesta região, muito semelhante a uma flor comum nos prados de Portugal, conhecida por este nome. Esta região possuía ótimas aguadas e boa mata para invernação e, em seus campos, nasciam os Rios Negro e da Várzea e os vários afluentes que corriam para o poente.

O povoamento da região dos Ambrósios, antiga denominação de nossa região, possivelmente deu-se então, pela busca do ouro, no entanto, por ser uma região de pouco rendimento aurífero, alguns homens fixaram-se na terra, preferindo atividades pecuárias, mais tranqüilas e seguras. Esta região, foi ponto de ligação direta entre Curitiba e São Francisco, e a abertura do chamado

Caminho dos Ambrósios em 1762 facilitou a fixação de moradores na área. Em 1854, o Barão de Antonina, solicitou ao Governo através do Conselheiro Zacarias, a instalação de uma Freguesia:”sem ter dados para positivos para descrever com precisão a estrada desta capital do Paraná comunica com a cidade de São Francisco, direi, contudo, alguma coisa a respeito. Desta cidade de Curitiba ao pequeno rio da Várzea, denominado Taboão, tem 8 léguas. Aqui, há um travessão de mato onde se tem aglomerado centenas de moradores, e por isso é urgente a necessidade inaugurar-se ali uma freguesia que, ficando na estrada e na margem deste rio, deve aumentar progressivamente...”

A povoação da Vila de Tijucas , atual sede de nosso município, originou-se em função da edificação de uma capela em 1876. O terreno onde ficava a capela, era conhecido por Tijuca Queimada e , segundo a escritura pública de compra e venda , ficava pertencendo então “à Nossa Senhora das Dores e seus devotos, aos quais poderiam usá-los como sendo seus”.

A Freguesia solicitada pelo Barão de Antonina somente foi criada em 1882, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores e denominada Freguesia dos Ambrósios. Transformar-se em uma Freguesia, significava que os moradores passariam a sustentar sua paróquia com seus recursos, embora pertencessem a São José dos Pinhais.

A maioria da população do Distrito de Ambrósios vivia da agricultura e da criação de animais. Por volta de 1890, a pequena Vila de Tijucas era descrita pelo Tenente José Cândido da Silva Muricy em seu livro: "A Revolução Federalista nos Estados do Paraná e Santa Catarina" como: ... "uma formação de duas linhas paralelas de casas construídas de frechames, rebocada de barro. Pela encosta de uma coxilha, encontrava-se a Igreja, onde em determinadas épocas, um padre ia rezar umas novenas e efetuar casamentos e batizados”.

Em 1894, esta pequena Vila foi uma das frentes de batalhas da Revolução Federalista, uma das guerras civis mais violentas que o Brasil já teve. Esta guerra, chamada popularmente por Revolução da Degola, foi deflagrada por divergências políticas entre partidários do Presidente Floriano Peixoto – popularmente denominados Pica-paus e os Maragatos, opositores ao “Marechal de Ferro”, que tinham como objetivo derrubá-lo do poder, iniciou no Rio Grande do Sul e tomando proporções maiores, avançou sobre Santa Catarina e o Paraná. No

Paraná, o plano dos Maragatos era tomar o estado por três frentes: Paranaguá, Tijucas e Lapa.

Segundo o Tenente Muricy, a população da Vila de Tijucas quando soube da chegada das tropas à vila, abandonou suas casas e os legalistas aproveitaram o local para instalar seu quartel e o hospital de sangue na melhor casa do lugar, feita de pedras e, portanto, mais resistente.

Já os federalistas ficaram acampados a três quilômetros da Vila, num lugar denominado Fernandes. Os combates entre pica-paus e maragatos iniciaram dia 11 de janeiro, com fases de fogo cerrado. A desproporção entre federalistas e legalistas – os federalistas eram maioria esmagadora - demonstrava que era inútil resistir. O fogo não cessava, a situação se agravava, a praça cercada pelos maragatos e a falta de água, alimento e munições anunciava o fim da resistência.

Após 8 dias de combates, a Ata de Capitulação (rendição) foi assinada por volta das 18:00 hora do dia 19 de janeiro de 1894 entre o Coronel Adriano Pimentel (legalista) e Gumercindo Saraiva, comandante das tropas federalistas em Tijucas.

Enquanto isso, na Lapa, a resistência de 26 dias deu condições para que o Presidente Floriano Peixoto adquirisse uma frota de guerra – vinda dos Estados Unidos – para reprimir a revolta o que levou ao fim a resistência federalista ao governo do “Marechal de Ferro”.

Tijucas no século xx

Após o episódio da Revolução Federalista, a Vila de Tijucas, sede do Distrito de Ambrósios, fica praticamente abandonada por alguns anos. Outras regiões do Distrito passam a merecer destaque, como exemplo, a comunidade de Ambrósios que possuía moradores politicamente influentes, casas comerciais de destaque e pequenas indústrias do ramo madeireiro.

Nas primeiras décadas do séc. XX, destacam-se pequenos núcleos coloniais, de origem alemã e polonesa, como os núcleos coloniais de Campo Comprido e Lagoinha, respectivamente.

Por volta de 1920, o Distrito de Ambrósios possuía “6000 almas”. Segundo a Comissão Censitária do Distrito de Ambrósios, possuíamos cerca de

1.300 casas, 1.150 proprietários rurais e cinco escolas. Neste período, com a decadência do tropeirismo, a economia paranaense encontrava nova fonte de expansão: o mate. Dentro deste contexto, as áreas do Distrito de Ambrósios vão desenvolver-se em função da erva-mate. A economia do Distrito baseava-se, então, numa economia de subsistência e extrativista, caracterizada pela criação de gado, extração de madeira para a produção de duelas e barricas para acondicionar erva mate e a própria extração da erva, que era vendida bruta aos carijós de São José, Curitiba ou Morretes ou preparada nos carijós locais. Esse desenvolvimento deu às lideranças locais a iniciativa de solicitarem a elevação do Distrito à categoria de município, que foi negada pelos camaristas de São José dos Pinhais. Esta autonomia somente seria concretizada através da lei nº 790 de 14/11/1951, data da criação do município de Tijucas do Sul, o qual passa a ter autonomia administrativa e vida própria. A instalação do município deu-se em 1952 havendo então a primeira eleição municipal. A vitória do pleito municipal coube a João Claudino Machado que instalou a sede da administração municipal numa casa improvisada, onde é hoje a atual Prefeitura Municipal.

REFERÊNCIAS:

BOSI, Ecléia. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JAREK, Gisele Lütke Santos. Apostila História do Município. 1999.

MAGALDI, Cássia. O público e o privado: propriedade e interesse cultural. In: SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. O direito à memória- patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, 1992.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITENCOURT, Circe : O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2005

PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol 8 nº16, 1995, p 279- 290.

2.2 Perspectiva interdisciplinar

O tema cidades e educação patrimonial constitui-se num campo de trabalho amplo e integrado com diversas disciplinas. Segundo Horta (2005), os objetos patrimoniais, monumentos, sítios e centros históricos, ou o patrimônio imaterial e natural são um recurso educacional muito importante, pois permitem a ultrapassagem dos limites de cada área-disciplina e o aprendizado de habilidades e temas que serão importantes para a vida dos alunos.

Desta forma, através deste trabalho, é indispensável integrarmos a disciplina de Geografia na leitura do espaço urbano através do estudo do meio, para observarmos e analisarmos as transformações no espaço vivido e, segundo Kaercher (2007), priorizar o entorno, a paisagem, poder fornecer elementos que estimulem a memória e a capacidade de observação, pois a geografia precisa também do imaginário para criar e manter a idéia de pertencimento.

Bosi (1998) destaca ainda que os espaços e a paisagem são fundamentais para o seguimento das tradições e da memória coletiva, sendo o desenraizamento, um fator desagregador da memória, provocando a espoliação da lembrança. Dessa forma, o estudo geográfico da cidade, além de sua descrição, visa muito mais à sua compreensão e transformação, pois o espaço cotidianamente vivido é repleto de problematizações, desafios e de possíveis soluções nas quais o aluno pode interagir, exercitando concretamente sua cidadania.

A utilização da fotografia e do cinema como uma das linguagens da disciplina de Artes, serão ferramentas indispensáveis não só no trabalho de resgate e coleta do patrimônio cultural selecionado pelos alunos como também na análise dos dados e conceitos aprendidos durante a atividade realizada.

A exploração de um documento escrito, monumento, sítio histórico ou qualquer outro objeto cultural específico, oferece inúmeras oportunidades para o desenvolvimento de habilidades de cálculo e medição, nas disciplinas de Matemática e Geometria, como por exemplo, formas dos objetos, simetria, datação, análise de plantas baixas, comparação de sistemas de medição do passado e do presente, estabelecimento de medidas de limites e extensão de áreas etc.

Os estudos de cultura popular, erudita e de massa, na disciplina de Sociologia, permitirá ao aluno a compreensão de conceitos indispensáveis para a análise dos objetos culturais e das percepções por ele sentidas.

Ainda, poderá levar o aluno ao aprimoramento das capacidades lingüísticas na disciplina de Língua Portuguesa, por meio da análise de diversos documentos, de entrevistas realizadas no bairro e na comunidade, e pela produção do conhecimento histórico provenientes da argumentação, explicação e problematização.

REFERÊNCIAS:

BOSI, Ecléa . Memória e sociedade – lembranças de velhos. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

KAERCHER, Nestor André. Práticas geográficas para ler pensar o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo. In: REGO, Nelson CASTROGIOVANNI, Antonio; KAERCHER, Nestor (orgs.). Geografia. Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira *et alli*. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN – Museu Imperial .

2.3 Contextualização

No trabalho com a temática das Cidades e com a utilização da Educação Patrimonial é necessário refletir sobre a questão do patrimônio cultural e do direito à memória como fundamental ao cidadão. Este assunto será abordado neste OAC – Objeto de Aprendizagem Colaborativa.

“Podem arrastar as casas, mudar o curso das ruas; as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas? À resistência muda das coisas, à teimosia das pedras, une-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar antigo” Ecléa Bosi

PATRIMÔNIO, CIDADANIA E IDENTIDADE CULTURAL

Sem dúvida alguma, que a preservação do patrimônio cultural hoje é vista como uma questão de cidadania, por ser direito de todos e por reforçar a identidade cultural num momento em que, paulatinamente estes elementos estão sendo esquecidos por conta dos avanços tecnológicos, e das mudanças na organização sócio-cultural advindas tanto pelos veículos de comunicação em massa quanto pela globalização econômica, que vão sutilmente inserindo novos padrões de consumo e de comportamento.

Na trajetória da política preservacionista do país, prevaleceu uma certa valorização de bens arquitetônicos, os chamados “de pedra e cal” como também obras de arte e da cultura símbolos do poder constituído. Neste contexto, podemos entender as razões das constantes depredações e violações ao patrimônio histórico: a sociedade não se reconhece nos ícones, símbolos e nos monumentos que foram preservados por uma ação governamental e, em contrapartida, não se sente responsável pela preservação de uma memória que não lhes diz respeito, até mesmo porque essa população não foi consultada acerca do que se deve preservar ou não.

Segundo Oriá (2005), a identidade de um país, estado ou cidade se faz com memória individual e coletiva. Somente quando a sociedade resolve preservar e divulgar seus bens culturais é que se inicia o processo de construção de seu *ethos* cultural e de sua cidadania. No contexto desta cidadania está inserido o direito à memória. Mas, o que isto significa? Significa que todos devem ter acesso aos bens materiais e imateriais que representem o seu passado, suas tradições, a sua história, não de uma forma nostálgica, centrada apenas no sentimento de perda, mas sim, de acordo com Paoli (1992), sob a perspectiva da elaboração do passado como experiência coletiva de formação da cultura e da sociedade e como formador de identidades.

E por que a memória é importante na construção desta identidade? Para Oriá (2005) é a memória que faz com que os habitantes percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas lutas e experiências cotidianas. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos

tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Sem a memória não se consegue situar-se na própria cidade, e acaba-se perdendo o elo afetivo da relação habitante – cidade e assim sentimo-nos deslocados e confusos. Esta perda de referenciais históricos, culturais, pautados na memória da cidade, nos dá uma estranha sensação de que somos “estrangeiros” em nossa própria casa, e aí resta-nos apenas os lugares que o poder econômico dos setores dominantes construíram ou escolheram para manter como símbolo de uma memória única e excludente que não favorece a multiplicidade de memórias e identidades presentes em uma cidade.

Por esta razão, é essencial, enquanto professores de História, assegurar uma prática educativa que colabore para uma educação transformadora, formando alunos capazes de (re)conhecer sua própria história cultural, ou seja, capacitando-os para a leitura e compreensão do universo sócio-cultural em que estão inseridos, apropriando-se e usufruindo do patrimônio, dando verdadeiro significado à palavra cidadão, como aquele que possui a condição de intervir em sua realidade.

REFERÊNCIAS

- HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914- 1991)*. São Paulo: Cia das letras, 1995.
- ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: *O Saber histórico na sala de aula*. BITTENCOURT, Circe(org). 10. ed. São Paulo : Contexto, 2005.
- PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: o direito ao passado. In : SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória – patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo, 1992.

3. RECURSOS DIDÁTICOS

3.1) Sítios

Título: Núcleo de estudos de Patrimônio e Memória- UFSM

Disponível em: www.ufsm.br/nep.

Acesso em: outubro/2007

Comentário: Divulga os estudos do NEP, que é um órgão da UFSM destinado à execução de objetos de ensino, pesquisa e extensão para o resgate e valorização

dos bens culturais, naturais e outros. Nele, você encontrará projetos diversos, artigos, sugestões de leitura e programação de eventos.

3.2) Sons e Vídeos

VÍDEO

Título: Narradores de Javé

Direção: Eliane Caffé

Produtora: Vânia Catani e Bananeira Filmes

Duração: 100 min

Local: Brasil

Ano: 2003

Disponível: DVD

Sinopse: Javé (povoado fictício) está prestes a ser inundado para a construção de uma hidrelétrica. Para mudar esta situação, seus moradores resolvem escrever sua história e tentar transformar o local em patrimônio histórico a ser preservado.

Comentário: O longa reúne tantos elementos para discussão que é difícil eleger os que devem ocupar o espaço de uma resenha. Muitos temas relacionados com a história estão presentes como: acesso à terra, história oral, a oficial, literatura, memória individual e coletiva, diferentes olhares, a busca de uma “verdade”, teoria e método.

Título: Uma cidade sem passado

Direção: Michael Verhoeven

Produção: Michael Senftleben

Duração: 92 min

Local: Alemanha

Ano: 1990

Disponível: DVD e VHS

Sinopse: Na Alemanha da década de 70, a jovem Sonja, uma estudante premiada como ensaísta, resolve se inscrever num concurso de monografia: “Minha Cidade

durante o Terceiro Reich”. inicialmente, Sonja pensa que será muito fácil obter informações nos arquivos da cidade, mas o que percebe é que ninguém quer remexer o passado. Ela então empreende uma árdua luta para ter acesso às verdades dos que viveram sobre o regime nazista. Baseado em uma história real.

Comentários: Trata, em essência, de uma temática universal: a coragem pela busca da verdade. É possível abordar diversos assuntos tais como a relação entre memória e esquecimento, o papel das instituições da memória cultural e das instituições que guardam as tradições da sociedade, o acesso à informação, o trabalho do historiador e as diferentes interpretações de um mesmo acontecimento histórico.

Título: Documentário Paraná da Gente

Direção: Secretaria do Estado da Comunicação Social

Duração: 9 min

Local: Curitiba

Ano: 1993

Disponível em: VHS

Sinopse: Documentário produzido pela SEEC – Pr (Secretaria do Estado da Cultura) que trata do levantamento de um abrangente inventário cultural realizado pelo projeto:”Paraná da Gente”..

Comentário: aborda o conceito de patrimônio cultural de forma ampla e diversa, em contraponto à visão do senso comum de que patrimônio histórico é apenas ”bens materiais de pedra e cal“ ou objetos pertencentes a figuras importantes. Destaca também o trabalho interdisciplinar realizado por uma escola ao trabalhar com os bens culturais pesquisados.

Título da música: Sobradinho

Biquíni Cavado

Novo Millennium - 2005

Nº da faixa: 17

Gravadora: UNIVERSAL

Disponível em: www.kboing.com.br

Sobradinho – Letra: Sá e Guarabira

O homem chega e já desfaz a natureza

Tira a gente e põe represa e diz que tudo vai mudar

O São Francisco lá pra cima da Bahia

Diz que dia menos dia vai subir bem devagar

E passo a passo vai cumprindo a profecia

Do beato que dizia que o sertão ia alagar

O sertão vai virar mar, dá no coração

O medo que algum dia o mar também vire sertão} 2x

Comentário: A música retrata a temática ambiental, a ação humana no espaço modificando a paisagem e a vida das pessoas. Homem e meio compõem essa dinâmica, e, mesmo não sendo determinista, não podemos negar a influência do espaço como condicionador de vidas e da cultura.

Título: Saudosa maloca – Letra; Adoniram Barbosa

Adoniran Barbosa

Cd: Raízes do Samba

Ano: 1999

Faixa : 01

Disponível em: www.kboing.com.br

Si o senhor não tá lembrado

Dá licença de contá

Que aqui onde está

Este edifício arto

Era uma casa veia

Um palacete assobradado

Foi aqui seu moço

Que eu Mato Grosso e o Joca

Construimo nossa maloca

Comentário: Adoniram Barbosa foi conhecido por “fotógrafo lambe-lambe da canção”. Um pequeno retrato de seu bairro, de sua cidade, de sua gente, retratos que poderiam ser de qualquer cidade em que o poder econômico se alastra, derrubando e fazendo desaparecer praças, campinhos e construções, destruindo muitas vezes a história, mas não a memória, presente na letra da música.

Título: Mágoa de Boiadeiro

Letra : Nonô Basílio e Índio Vaga

Disco: Meu reino encantado

Intérprete: Daniel

Faixa: 15

Disponível em: www.kboing.com.br

Antigamente

Nem em sonhos existiam

Tantas pontes sobre o rio

Nem asfalto nas estradas

A gente usava quatro

Ou cinco sinoeiros

Pra trazer os pantaneiros

No rodeio da boiada

Mas hoje em dia

Tudo é muito diferente

O progresso nossa gente

Nem sequer faz uma idéia

Comentários; A música é um documento importante para se conhecer a história do cotidiano, desvendar a história de setores pouco lembrados pela historiografia tradicional. Através desta canção, podemos questionar quais memórias, simbolismos foram mantidos ou destruídos em nome do progresso?

3.3 Proposta de atividades

Tipo: Atividade Teórico-Prática

Público Alvo: Alunos do 1º ano do Ensino Médio

Objetivos da atividade: Despertar no aluno o senso crítico em relação ao meio em vive, chamando a atenção para a influência da ação humana sobre a paisagem natural; Correlacionar os conceitos estudados e avaliar como as heranças “ajudaram” ou “atrapalharam” o desenvolvimento do lugar; Realizar um estudo do meio através do monumento ou objeto cultural selecionado, observando, registrando e pesquisando informações que expliquem a cidade não só como um fenômeno sócio-cultural, mas também imagético.

Etapas:

a- Leitura do texto: Da Vila de Tijucas a Tijucas do Sul.

b- Desenvolver com os alunos uma reflexão a partir da seguinte problematização:
Quantas histórias tem Tijucas do Sul?

c- Estudo da Praça Central de Tijucas do Sul e de seu entorno, utilizando-se para tanto da metodologia de Educação Patrimonial proposta por Horta (1999):

PRESENTE	PASSADO	INFLUÊNCIA DO PASSADO NO PRESENTE
Como é o lugar hoje?	Como era este lugar no passado?	Que elementos do passado podemos ver hoje?
Por que este lugar é assim hoje, e como se diferencia ou se	Por que este lugar era deste modo no passado? Como e por que ele se	De que modo as relações existentes no passado influenciaram este lugar e

assemelha a outros lugares?	diferenciava ou se assemelhava a outros lugares do passado?	o modo que ele se relaciona com outros lugares?
Como este lugar está mudando e por quê?	Que mudanças aconteceram neste lugar ao longo do tempo e por quê?	Como as mudanças ocorridas estão refletidas hoje, neste lugar?
Como é viver neste lugar hoje?	Como seria viver neste lugar no passado?	Como o passado influencia o modo e a experiência de viver neste lugar hoje?

Adaptado de A Teacher s Guide to Geography and the Historic Environment . Tim Copeland - English Heritage, 1993.

d- Criação de um guia de percurso e de uma ficha de reflexão, a qual poderíamos denominar de “folha didática” em que os alunos irão observar, entrevistar, fotografar e desenhar as representações percebidas e as experiências vivenciadas. Como exemplo desta atividade sugerimos:

FOLHA DIDÁTICA

ESTUDO PATRIMONIAL

DA VILA DE TIJUCAS à TIJUCAS DO SUL.

ALUNOS:

PROFESSORA:

Você vive, estuda, trabalha em sua cidade, passa pelos mesmos lugares diariamente. Mas será que você realmente os observa? Será que conhece suas histórias? O objetivo deste estudo é, a partir das nossas problematizações, desenvolvermos um olhar mais atento à nossa realidade, pois ver, muitas vezes, não significa lembrar-se, dar sentido às coisas em nossa volta e articular os fatos

observados em um contexto mais amplo. E então...vamos lá? Decifra-me ou te devoro!

A atual praça é conhecida popularmente por praça central. No entanto, ela possui um nome. Pesquise em um monumento existente nela quem ela homenageia e quem foi este cidadão para Tijucas do Sul e o Estado do Paraná.

1- No entorno da nossa praça, encontre uma casa comercial que possui em sua entrada uma foto deste mesmo lugar há mais de 40 anos. Procure analisar a imagem, percebendo mudanças e diferenças, mudanças e permanências neste espaço:

2- Observe o patrimônio arquitetônico ao redor da praça e faça uma entrevista com um morador antigo a partir do seguinte roteiro de perguntas:

a) IDENTIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Rua.....Estado:.....Bairro:.....

b) CARACTERÍSTICAS DO EDIFÍCIO

Antigo Moderno

Foi modificado: SIM NÃO

No volume ?

Nas janelas ?

Nas portas ?

No telhado ?

Nº de pavimentos ?

c) USO DO EDIFÍCIO

Residencial: Comercial Religioso Misto Público

d) ESTADO DE CONSERVAÇÃO-OCUPAÇÃO

Em ruínas Em mal estado

Regular Bom

e) DADOS DO EDIFÍCIO

A partir de dados colhidos com o entrevistado, durante a visita ou com um pedestre, investigar alterações no uso e função da edificação ao longo do tempo, contextualização histórica da época em que foi construída, os acontecimentos políticos, sociais e culturais significativos da comunidade e sua relação com a construção

f) IMPORTÂNCIA DO EDIFÍCIO PARA A COMUNIDADE:

g) O QUE PODE OU DEVE SER FEITO? .

h) DADOS DO PESQUISADOR:

Nome:.....idade:.....Escola.....

3- Que memórias do período da Revolução Federalista encontramos na Praça Central?:

Monumentos ? Edificações ?.....

Memorial ? Museu ?

4- A partir do relato do Tenente Muricy em seu livro, imagine como seria a Vila de Tijuca através de um desenho ou uma maquete e apresente a seus colegas.

5- Entreviste algum morador antigo da cidade para que este conte alguma história sobre a cidade, suas histórias e memórias.

6- Observe as duas imagens apresentadas pela professora: (a primeira imagem retrata a tomada pelos maragatos do campo em torno da Igreja por ocasião dos combates da Revolução Federalista e a segunda imagem mostra um evento realizado pela Prefeitura da Cidade, por ocasião do aniversário do município.) Então responda:

- a- Localize a época e o local retratado nas imagens 1 e 2.
- b- Descreva o local, as pessoas e os objetos que aparecem na imagem 1.
- c- Descreva o local, as pessoas e os objetos que aparecem na imagem 2.
- d- Em sua opinião, por que este local foi escolhido para o fato apresentado nas imagens ?

7- Em equipes, o grupo irá selecionar através de fotografias, imagens de dois bens patrimoniais que apresentem características dignas de compreensão e preservação.(Esta atividade é interessante para o aluno refletir, perceber o caráter seletivo da História e da Memória). Da mesma forma, o grupo irá registrar algo que não esteja bem e que mereça a atenção das autoridades, ONGS ou associações comunitárias. Deverão justificar-se por meio de um texto ou de relato oral sobre a escolha.

8- APROPRIAÇÃO

Sugestões:

- a) Criar um mapa patrimonial, ou um jogo de memórias a partir das percepções constatadas no estudo do meio e nas problematizações realizadas.
- b) Convidar moradores antigos para conversa informal sobre diversos temas relacionados à cidade,tais como;

- * Memórias da Revolução Federalista em Tijucas do Sul
- * Desenvolvimento urbano e comercial em determinada época.
- * Manifestações religiosas
- * Esporte, lazer e cultura
- * Nossa escola,nosso Patrimônio
- * Nosso Bairro ,nosso Patrimônio

c) Convidar representantes de associações de bairros, ong,vereadores ou do poder executivo para um debate sobre as potencialidades e os problemas da cidade.A partir destas discussões,os alunos poderão criar um jornal ou um folder ilustrado sobre os conhecimentos produzidos.

REFERÊNCIAS:

ARCHELA, Roseli Sampaio. Geografia para o Ensino Médio: manual de aulas práticas. Londrina. Ed.UEL, 1999.

BESEGATTO, Mauri Luiz. O patrimônio em sala de aula: fragmentos de ações educativas. 2ª ed., Porto Alegre: Evangraf. 2004.

HORTA, Maria de Lourdes; GRUNBERG, Evelina MONTEIRO, Adriane. Guia básica de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. Patrimônio Histórico e Educação Patrimonial: aspectos contextuais, teóricos e práticos. XXIV Simpósio Nacional de História. UNISINOS, Rs, 2007.

SCHÄFFER, Neiva Otero. Guia de percurso urbano. IN: Geografia em sala de aula: práticas e reflexões .CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos ...[et al.] 4ª ed. Porto Alegre. Ed da UFRGS. 2003.

SOARES, André Luis Ramos. Educação Patrimonial : Relatos e Experiências. Santa Maria. Editora da UFSM, 2003.

3.4 Imagem :

Imagem: Do Banco de imagens do Portal da Educação

Comentário: A frase do escritor Ítalo Calvino em seu livro “Cidades invisíveis”, possibilita várias problematizações enriquecendo este OAC: “As cidades também acreditam ser a obra do espírito ou do acaso, mas nenhum nem outro bastam para sustentar suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas as respostas que dá às nossas perguntas”.

4. RECURSO DE INFORMAÇÃO

4.1 Sugestão de leitura

Livros

Título: Educação Patrimonial: Relatos e Experiências.

Referência: SOARES, André Luis Ramos. Santa Maria. Editora da UFSM. 2003

Comentários: A educação patrimonial é um tema pouco comum na agenda do ensino básico brasileiro. O livro é uma coletânea dos projetos e artigos publicados nesta área pela UFSM e destina-se a todos aqueles que vêem na Educação Patrimonial uma forma de construção da cidadania e da práxis pedagógica.

Título: O Direito à Memória

Referência: Vários autores. O direito à memória-patrimônio histórico e cidadania. São Paulo. SMC-Dpto de Patrimônio Histórico.1992.

Comentários: Trata-se de um clássico e uma das principais referências na questão do Patrimônio. Uma coletânea de artigos de historiadores e especialistas que abordam vários assuntos entre eles a memória, o papel das cidades, o conceito de patrimônio. Leitura indispensável.

Internet

Título: Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental

Disponível em: www.scielo.br acesso em 16/08/07

Comentários: O artigo trata das práticas preservacionistas, privilegiando o reconhecimento de identidades plurais à preservação do patrimônio cultural.

Destaca como as relações entre natureza e cultura tem se manifestado nas concepções do patrimônio e norteadas a prática da educação patrimonial.

Título: Educação Patrimonial nas escolas: aprendendo a resgatar o patrimônio cultural.

Disponível em: www.artigo.vai.la.com.br acesso em: outubro/2007.

Comentários: O artigo discute a importância da Educação Patrimonial no processo educacional. A pouca valorização do patrimônio se dá pelo desconhecimento da população e também pela raridade com que o tema é tratado nas escolas. Narra uma experiência de Ed.patrimonial em uma escola em Campo dos Goytacazes-RJ

Título: Conhecer para pertencer: o Patrimônio Cultural como caminho para uma maior percepção da História para 2ª série do primeiro ciclo.

Disponível em: www.artigo.vai.la.com.br acesso em: fevereiro/2008

Comentários: Este artigo relata um projeto desenvolvido por alunos do curso de História da UNESP na cidade de Ribeirão Preto e Franca, utilizando-se do conceito de Patrimônio Cultural e da construção da identidade e da cidadania

4.2 Notícias

Revista on-line

Título: PROJETO, EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: UMA EXPERIÊNCIA PIONEIRA DO IEPHA/MG

Revista do Patrimônio Histórico acesso em: setembro-2007

Disponível em: www.revista.iphan.gov.br

Comentários: Revista do IPHAN, cujo objetivo é divulgar o Patrimônio Artístico e Cultural Brasileiro, debater a importância da História e da Memória para a identidade nacional, noticiando ações diversas em prol do Patrimônio Cultural Brasileiro.

Revista de circulação

Título: Para além da pedra e cal.

Fonte: Revista Nossa História. Ano 2. Nº13. Novembro 2004.

Referência: Biblioteca Nacional- RJ

Comentário: A matéria discute o conceito de Patrimônio Imaterial ou Intangível, analisa as políticas públicas patrimoniais no Brasil e os interesses obscuros em protegê-lo ou negá-lo.

Jornal

Título da Notícia: 100 anos bem vividos e agora documentados

Referência: Jornal Gazeta do Povo.Domingo.25/11/2007.p.13

Ponta Grossa - O ENCANTO DA HUMANIDADE POR DATAS E QUE ENCERRAM CICLOS SERVE DE ESTÍMULO PARA O RESGATE DA MEMÓRIA, dos tempos passados , a história construída no cotidiano, dia após dia. É o que está acontecendo com cidades históricas do Paraná, que ao se aproximarem do centenário, mobilizam a comunidade e forçam o resgate cultural. De acordo com os dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes), 29 das 399 cidades paranaenses têm mais de 100 anos de instalação. Prudentópolis chegou ao centenário no ano passado. Em 2007 foi a vez de Irati e Carlópolis. A festa está sendo preparada para o ano que vem em União da Vitória e São Mateus do Sul.

Nessas datas comemorativas, muito do que dependia apenas da lembrança dos pioneiros vira registro histórico oficial, que pode ser usado no presente e é referência para o futuro. “As comemorações ou ritos permitem prestar atenção e marcar elementos da identidade. É como acontece no casamento. O relacionamento entre as pessoas é construído no cotidiano. Mas no aniversário do matrimônio ou quando toca aquela música que é especial para o casal, muito do que viveram junto é lembrado”, comenta o doutor em História Cultural, Edson Silva.

Essas datas põem o povo em festa. Comissões são organizadas para decidir como serão as celebrações e reunir documentos históricos. A importância dos pioneiros é reconhecida pela comunidade. Muitos jovens cercam os anciões à espera dos causos sobre a formação da cidade e sobre o tempo em que não existiam luz elétrica e automóveis.

Para aproveitar o momento de sensibilidade coletiva, a historiadora Audrey Farah comanda um trabalho de registro histórico das cidades centenárias. Em dezembro do ano passado, ela lançou o livro sobre Prudentópolis. A obra que conta o século de vida de Irati deve estar concluída até o fim do primeiro semestre de 2008. Três pessoas, durante 18 meses, se dedicaram a coletar material, como fotos, documentos, além de fazer entrevistas.” É a concretização da memória oral e viva. O tempo é precioso, porque muito se perde com a morte de pioneiros”, reforça. O trabalho de historiadores por “hobby”- e são pelo menos quatro colaboradores em Irati- compensa a falta de registros oficiais.

Audrey relata que o trabalho em Prudentópolis foi mais braçal. “As vezes, a gente chegava na casa e perguntava sobre a história do lugar. A resposta era”ah, mas eu não tenho nada pra contar”. Mas a gente puxava assunto e os relatos apareciam. É que as pessoas não achavam que isso é história, que tem relevância para ser registrada”, diz. A colonização polonesa e principalmente ucraniana acabou deixando os moradores da cidade isolados, muito fechados em sua própria cultura. “Isso também tem um lado positivo. Pode ser revolucionário. Uma prova única de autovalorização e preservação,” analisa.

Em Irati, conta a historiadora, o problema maior foi a divergência de fontes. Entre as décadas de 40 e 60, a cidade tinha força econômica e política e isso colaborou para a formação de um acervo. Para a diretora municipal de Cultura, Rosana de Castro Casagrande, é um encerramento de um ciclo, um ritual de passagem. Ela assegura que o interesse da comunidade por qualquer evento cultural aumentou significativamente a partir das comemorações da cidade. “É como se houvesse a necessidade de que algo acontecesse para impulsionar um sentimento adormecido” avalia Rosana. No cinquentenário, a cidade ganhou uma estátua de Nossa Senhora das Graças, que vigia Irati do alto de um morro. Para o centenário, está em elaboração um amplo complexo cultural, com teatro, que leva o nome da mais conhecida iratiense, a atriz Denise Stoklos.

Audrey ainda espera os reflexos do trabalho. “Da comunidade, ainda não vi reação. Mas pesquisadores já estão usando o livro como referência”, conta. Mas ela acredita que o livro leva à reflexão e que num futuro próximo, ou distante, pode servir de base para transformações. “Para os padrões mundiais, uma cidade centenária é nova. Ainda tem muito por fazer. Os rumos podem ser modificados”,

ênfatiza. Para ela, o importante é lembrar que cada um é personagem da sua própria história e da memória da comunidade até para que, quando for iniciada a pesquisa para os 150 anos das cidades, os pesquisadores não encontrem tanta dificuldade.

Kátia Brembatti

Comentários: A matéria analisa a integração entre a História Oficial e a História Cultural, mobilizando o poder público e a comunidade no resgate do Patrimônio cultural em cidades prestes a completar o centenário. O aniversário motiva o resgate das várias memórias e um (re)significado no conceito de história.

Jornal on line

Título: As 7 “ maravilhas” de Curitiba: Internautas participam de concurso para a escolha dos pontos mais bizarros da capital

Referência: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/cadernog/conteúdo.phtm?id=682038>

Comentário: É possível a reflexão sobre assuntos importantes na questão da preservação patrimonial: a participação popular, que quando consultada, opina, critica valoriza, repudia e o senso de pertencimento, que permite a sociedade discernir, selecionar aquilo que é realmente representativo ou não a ela.

4.3 DESTAQUES

Título: INICIATIVAS ISOLADAS MANTÊM MEMÓRIA

Referência: Jornal Gazeta do Povo – Domingo 25/11/07

Professor de Educação Física, José Maria Orreda adorava os dias de chuva. Nesses, não podia levar a criançada para a quadra aberta. Iam todos então para uma sala e ele falava sobre a História de Irati. Perguntava aos jovens sobre as pessoas e que davam nomes às ruas e recebia o silêncio como resposta. Confessa que sentia uma tristeza imensa. Decidiu que tinha de fazer algo.

Orreda dedicou os últimos 40 anos para registrar os acontecimentos em Irati. Já publicou 12 livros e agora, por conta das comemorações do centenário,

está organizando uma série de 8 revistas sobre os mais diversos aspectos da formação cultural do município....

O doutor em História Cultural, Edson Silva, aponta o distanciamento entre políticas públicas de preservação e iniciativas isoladas. E lembra também a resistência que a população muitas vezes demonstra. “Se a pergunta é se precisa proteger o patrimônio histórico e cultural, a resposta é sim. Mas quando vem a questão de que essa proteção limita o direito da propriedade e de uso do espaço, aí não há mais unanimidade”, salienta. Silva também destaca a importância da iniciativa partir da própria sociedade. “De uma maneira ou de outra, as comunidades acham formas de preservação histórica.”...

Kátia Brembatti

Comentário: reportagem a respeito de iniciativas isoladas na busca da preservação do patrimônio cultural das cidades e da necessidade dessa busca partir da própria comunidade, em preservar e apropriar-se desse patrimônio.

4.4 PARANÁ

Caminho dos Ambrósios

O Caminho dos Ambrósios, que ligava o sul da Comarca de Curitiba a São Francisco – SC foi um dos primeiros caminhos coloniais do Paraná. Construído em meados do século XVIII, o Caminho dos Ambrósios representou uma importante via de comunicação daquele período: por ele realizou-se grande comércio entre os moradores da região, transportaram-se os primeiros animais de carga vindos do Rio Grande do Sul e desceram carregamentos de trigo, erva-mate, carne e outros víveres. O povoamento da região de Tijucas do Sul ao que parece, foi influenciado por esse caminho.

Avec Lallement, viajante francês, deixou suas impressões sobre a região: “saudamos, pois, com gritos de alegria o vasto Campo dos Ambrósios e, embora não houvesse muita coisa civilizada a observar, muito nos alegrou ver pessegueiros florescendo em diferentes lugares”.